



117 3,40

# LYGIA FAGUNDES TELLES, Um adeus à escritora

PÁGINAS 16, 17 E 35



JORNAL  
DE LETRAS,  
ARTES E  
IDEIAS

# JL

Ano XLI · Número 1344 · De 6 a 19 de abril de 2022  
Portugal (Cont.) €3,40 · Quinzenário · Diretor José Carlos de Vasconcelos

O filme, a figura, o exemplo

# Salgueiro Maia



# Maria Eulália de Macedo

## Obra completa

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

■ Há poetas e escritores que não pertencem à literatura. Escrevem sem preocupações literárias, alheios a movimentos, a escolas, a tendências. Escrevem na máxima ignorância da literatura do seu tempo, não tendo qualquer propósito de fazer parte dela. São apenas fiéis a si mesmos, ao impulso íntimo que os leva a compor, e isso lhes basta. É esse em parte o caso de Maria Eulália de Macedo [MEM], que num arco de vida de 90 anos (1921-2011) publicou apenas quatro livros – *Construção no Vento Norte* (1969), *Raízes* (1970), *História de Poucas Palavras* (1971) e *As Moradas Terrenas* (1994).

A história editorial do seu primeiro livro é ilustrativa da sua situação autoral. O livro surgiu a bem dizer por acaso. Maria Ondina Braga, amiga de MEM, decidiu enviar em seu nome, sem lhe dar conhecimento, um manuscrito poético a um concurso do SNI. O conjunto ganhou inesperadamente o prémio e foi publicado no ano seguinte para surpresa da autora, que o dedicou a Ondina Braga. Também o seu derradeiro livro tem uma história esclarecedora. Composto por parágrafos isolados de cartas privadas, o volume foi quase todo construído pela destinatária das cartas, a escritora Maria Cecília Correia, inconformada que esta



Maria Eulália de Macedo “Um rigoroso e complexo trabalho verbal”

estava com o silêncio a que a autora se remetera há mais de 20 anos.

A publicação do primeiro livro de MEM – 52 poemas introduzidos por um impressionante texto narrativo, mais tarde incluído no volume de 1971 – despertou atenção no meio literário e jornalístico da época. João Bigotte Chorão notou a sua qualidade no *Diário de Notícias*, Urbano Tavares Rodrigues no *Jornal do Comércio*

disse que se tratava “não de mais um livro, mas do livro duma existência estética” e o *Diário de Lisboa*, numa longa nota não assinada, falou de um livro “bonito, sério, fundo e hábil” que revelava no texto de abertura o talento de uma novelista “repousada, nostálgica, mas vibrante”.

Esse primeiro sucesso – com certeza o foi para alguém que nos anos 60 do século passado se isolava

no interior da província, numa vila tão discreta como Amarante – justifica talvez a facilidade na publicação dos seus dois livros seguintes, apadrinhados por dois escritores reconhecidos, Domingos Monteiro e Jacinto do Prado Coelho, e surgidos em consolidadas editoras de Lisboa, a Sociedade de Expansão Cultural e a Ática, que anos antes iniciara a publicação das obras de Fernando Pessoa. Com a publicação destes dois volumes, o primeiro um conjunto de 57 poemas e o segundo uma reunião de 35 narrativas breves, MEM podia ter iniciado uma carreira literária, com a publicação regular de livros em verso e em prosa, a atenção aplicada da crítica, a disponibilidade dos editores e um círculo fiel de leitores.

Sabe-se que assim não foi e que só 23 anos mais tarde surgiu novo livro da autora, que nem sequer projetado por ela foi. Uma amiga, com quem se correspondia quase diariamente desde 1972, aproveitou fragmentos das suas cartas para construir o que veio a ser o livro derradeiro de MEM, *As Moradas Terrenas*, que contou com um entusiasmado prólogo de Maria João Reynaud, prof<sup>a</sup> e estudiosa que prefaciou também a reedição, em 2009, das *Histórias de Poucas Palavras*. Conhecendo as características principais dos seus livros percebe-se que assim tenha sido e que a autora tenha renunciado à literatura – ou pelo menos a uma carreira literária – para se manter fiel aos seus segretos designios originais.

Quando os seus primeiros livros surgiram, a crítica foi unânime em chamar a atenção para o carácter vital da escrita de MEM. Era possível traçar-lhe uma família literária – Urbano indicava Nobre, Bigotte Chorão citava Pascoaes, Prado Coelho aferia Brandão, que

Reynaud confirmou e a que juntou Torga e Irene Lisboa –, mas não eram esses paralelos, a que podíamos juntar Manuel Laranjeira, que mais tocavam a crítica. O que mais a cativava era o que havia de inexplicavelmente esquivo, único e intransitivo na escrita da autora. Não foi por acaso que um outro crítico, Alexandre Pinheiro Torres, que muito acompanhou MEM, lembrou a propósito da sua obra o nome de Alberto Caeiro, o mais programaticamente antiliterário dos poetas portugueses. Por isso Pinheiro Torres pôde dizer da sua conterrânea: “Não há ninguém, na literatura portuguesa, que fale do quotidiano simples e das coisas concretas como a Maria Eulália de Macedo. A sua voz é única. Não tem paralelo. Qualquer comparação ecoaria a injusta, porque pressuporia tributos que ela não paga a ninguém.”

Ao passarem 100 anos sobre o seu nascimento (21-3-1921) e dez sobre a sua morte (4-12-2011), os seus livros acabam de ser reunidos num único volume, *O meu chão é de vertigem* [obra completa], edição de José Rui Teixeira e de Jorge Teixeira, a que se soma uma valiosa marginalia, na qual se arrumam as principais peças críticas que sobre MEM se escreveram. Esta edição repõe os livros da autora em circulação e mostra que a tentativa de escrever sem preocupações literárias, no alheamento de qualquer sistema e tradição, não é forçosamente sinónimo de desleixo, de desinteresse e falta de talento verbal. Ao invés, a intenção desta autora de fazer uma arte pobre, “não literária”, centrada nas coisas concretas e esquecidas, nas emoções vivas e espontâneas, na simplicidade dos referentes, na pobreza das alusões cultas, na rasura das referências eruditas, apresenta

um rigoroso e complexo trabalho verbal, que corresponde a um plano de antemão pensado e assumido e a uma construção segura e consciente.

O volume acabado de publicar é assim uma homenagem no centenário desta singular e furtiva escritora, mas também, como adianta José Rui Teixeira no esclarecedor prefácio que abre o volume, uma tentativa de resgatar a sua obra do esquecimento e de lhe encontrar um lugar na história da literatura portuguesa do século XX. Não será difícil cumprir um tal desiderato. A questão não está pois em saber se é possível ou não inserir esta obra na história da literatura portuguesa do século XX. Está antes em saber se é desejável – ou se desejável é ficar só por aí.

Autores como Maria Eulália de Macedo, como Laranjeira e Irene Lisboa, ou até Pascoaes e Brandão, necessitam que lhes preservem um território não literário, não apenas por fidelidade, para não serem atraídos nos seus mais secretos propósitos, mas porque é nesse *estar fora* que melhor se capta a riqueza das suas palavras e mais sobressai a dimensão verbal da sua aventura criativa de grandes solitários. **JL**



► Maria Eulália de Macedo

**O MEU CHÃO É DE VERTIGEM**

*O Meu Chão é de Vertigem*

lher entre a sobrevivência [do meu pai] e a escrita, qual seria a minha decisão?”

Com esta pergunta Leïla Slimani apercebe-se de que “todos os escritores são monstros”, como dizia Henry Montherlant. Ou que “não se pode escrever sem considerar a possibilidade de trair”, como lhe ensinou Salman Rushdie. A única fé do escritor é o seu próprio trabalho. **JL**

# João Reis

## ‘Salve-se: poupe água



OS DIAS DA PROSA

Miguel Real

**J**oão Reis (n. 1985) publicou o seu primeiro romance, *A Noiva do Tradutor*, em 2015, e este ano, 2022, publicou o seu sexto romance, *Cadernos da Água*. Alguns dos seus livros foram finalistas de diversos prémios. Esta situação coloca João Reis (JR) como um dos mais importantes romancistas entre os novos autores que começaram a publicar na segunda década do nosso século e, para falar verdade, mesmo entre os novos autores deste século.

Logo em *A Noiva do Tradutor*, que teve de imediato uma 2ª edição, se reconhecia uma forte flexibilidade sintática, uma forte capacidade de composição de diálogos e um forte cruzamento lexical entre uma semântica concreta, popular (mas não popularizada), de gente comum, e uma outra mais abstrata, como se a escrita ficcional lhe fosse natural. E notava-se ainda uma excrecência retórica como se, mais importante do que escrever, fosse escrever bem, com alguma eloquência.

Em *A Avó e a Neve Russa* (2017), JR aborda o difícil tema do desenraizamento, não no sentido clássico (adultos emigrando para outros países), mas optando por deslocar para a mente de uma criança o universo das suas problemáticas físicas, psíquicas e sociais.

Em 2018 publica *A Devastação do Silêncio*, romance de fundo histórico (I Guerra Mundial) sem ser um romance histórico, evidenciando uma menor necessidade de uma escrita eloquente. Domina já uma escrita mais austera, mais sóbria. Neste romance surge igualmente uma característica que vai marcar a sua escrita: a atenção ao pormenor, uma observação aguda sobre a realidade, que, quatro anos depois, preencherá muitas páginas de *Cadernos da Água*.

Em 2019, explora o romance verdadeiramente histórico com *Quando Servi Gil Vicente*, sobre a velhice deste autor dramático e de um seu servidor, tentando utilizar uma linguagem renascentista. Uma mudança radical de estilo. Percebeu-se (definitivamente?) que o romance histórico não é a sua praia.

Em 2021, dá a lume *Se Como Pétalas ou Ossos*. Constituiu um salto para a maturidade literária, onde o trabalho sobre o realismo do

Desencantado com a vida de esc... nem lucro, descobre o manuscrito desaparecido e coloca a si próprio na internet que a autora é uma... reaparece. Rodrigo salva o manuscrito para um contestat...

**CADERNOS DA ÁGUA É CLAR**... ro não muito distante, após guer... da água e dois Eventos (uma dias... o destino da Europa, conduziu a... fuga de populações para o Norte...



João Reis

evidencia um conjunto de emoç... constituem quase um tratado ps... adulto normal envolto em circun... possível para sobreviver e juntar... nora sem escrúpulos morais, que... matar sem piedade, um adorado... oportunista, que se aproveita d... e abusar das mulheres; Cecilia... um latimio, diverge dos sim...

## Sobre vacas e outros animais incontornáveis



### DE DA FANTASIA

Realidade é uma, enquanto a fantasia é outra, e as suas formas e contornos são incontáveis. A fantasia engota-se em si mesma, a fantasia não tem quaisquer limites: a mentira, a criatividade, a distorção, a deformação, a imaginação, os aleijados, a invenção, o maravilhoso e cercam o núcleo da realidade até ocupar o seu

explosão de violência, a morte está sempre presente e o amor, no meio dela, é raro.

### MAR

Nos Açores (estou a escrever no Faial) sinto que está tudo cheio de oceano.

### VACAS (RELEMBRO QUE ESTOU A ESCREVER NA HORTA, FAIAL)

Há uma história passada no Camboja (cito de cor) em que um homem depois de ficar incapacitado — uma perna amputada por causa de uma mina — é obrigado a voltar para o campo. Oferecem-lhe uma vaca, pois poderia ordenhá-la sentado, voltando assim a sentir-se útil. A depressão causada pelo seu estado foi assim mitigada, sem terapia convencional ou medicação, simplesmente com o uso de uma vaca.

Gertrude Stein gostava de intervalar a escrita com a contem-  
plação de pedras e de vacas.

Junto à praia do Almojarife, decidi fotografar uma vaca, que, mal me viu com a câmara, correu para mim a pedir festas. Encostou a cabeça a um pequeno muro de pedra, que me dava pelos joelhos, fechou os olhos. A entrega é desarmante. Não será irrelevante afirmar que essa disponibilidade social me fez muito bem.

Há aqui todo um potencial inexplorado que vai muito para lá dos laticínios e da indústria carne.

### DIÁRIO DE UM APICULTOR: ONDE LARS GUSTAFSSON DESCREVE A FELICIDADE COM INEGÁVEL CLAREZA

“Curiosamente, pus-me a pensar no paraíso. Também comecei a lixar a porta da rua, precisa de ser pintada de novo porque a tinta

estalou durante o Inverno. Descobri por acaso três baldes de tinta num dos armários da cozinha, devem lá estar desde os anos 60, desde que casei.

O paraíso oferece problemas interessantes. O que é um estado de felicidade que se prolonga indefinidamente?

Pensamos naturalmente no orgasmo. Um imenso orgasmo de felicidade que nos surpreende por nunca acabar. Prolonga-se,



tempo em que os  
anos falavam,



PROPRIETÁRIA/EDITORIA: TRUST IN NEWS, UNIPessoal LDA.

SEDE: Rua da Fonte da Caspolima – Quinta da Fonte, Edifício Fernão de Magalhães, nº8, 2770-190 Paço de Arcos NIPC: 514674520

GERÊNCIA DA TRUST IN NEWS: Luís Delgado, Filipe Passadouro e Cláudia Serra Campos.

COMPOSIÇÃO DO CAPITAL DA ENTIDADE

PROPRIETÁRIA: 10.000,00 euros

PRINCIPAL ACIONISTA: Luís Delgado (100%)

PUBLISHER: Mafalda Anjos

**JL**  
JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS

DIRETOR: José Carlos de Vasconcelos



REDATORES: Maria Leonor Nunes, Manuel Halpern, Luís Ricardo Duarte.  
COLABORADORES PERMANENTES: Afonso Cruz, Agrupina C. Vieira, A. C. Cortez, A. Mega Ferreira, Boaventura de Sousa Santos, Carlos Fiolhais, Carlos Reis, Daniel Tércio, Fernando Guimarães, Guilherme d'Oliveira Martins, Gonçalo M. Tavares, Helder Macedo, Helena Simões, J. Rego de Almeida, João Govern, João Ramalho Santos, Lídia Jorge, M<sup>te</sup> Emília Brederode Santos, M<sup>te</sup> José Rau, M<sup>te</sup> Augusta Gonçalves, Miguel Real, Nuno Júdice, Onésimo Teotónio Almeida, Paulo Guinote, Patrícia Portela, Sofia Soromenho, Tiago Patrício, Valter Hugo Mãe e Viriato Soromenho-Márques

OUTROS COLABORADORES: A. Laborinho Lúcio, A. Cândido Franco, A. Pedro Pita, A. Sampaio da Nóvoa, Ana Maria Bettencourt, Arnaldo Saraiva, B. Bénard-Guedes, C. Mendes de Sousa, Fernando J. B. Martinho, F. Pinto do Amaral, Gastão Cruz, Filinto Lima, E. Marçal Grilo, Graça Moraes, Hélio Correia, I. de Loyola Brandão, Inês Pedrosa, João Abel Manta, João Barrento, João Costa, J. A. Cardoso Bernardes, Jorge Fazenda Lourenço, Jorge Vaz de Carvalho, José Luís Peixoto, José Manuel Castanheira, José Manuel Mendes, José Reis, J. Gomes André, Leonor Xavier, Manuel Alegre, M. Frias Martins, Marcello Duarte Mathias, Manuela Paraiso, M<sup>te</sup> Alzira Seixo, M<sup>te</sup> Fernanda Abreu, M<sup>te</sup> Graciete Besse, M<sup>te</sup> João Fernandes, M<sup>te</sup> Helena Seródio, M<sup>te</sup> Irene Ramalho, M<sup>te</sup> Luísa R. Ferreira, Mário Avelar, Mário Cláudio, Mário de Carvalho, M<sup>te</sup> Vieira de Carvalho, M. Sanches Neto, Miguel Carvalho, Nélida Piñon, Norberto V. Cardoso, Ondjaki, Pilar del Rio, Ramón Villares, Ricardo Araújo Pereira, Rita Mamoto, R. Miguel Puga, Rui Vieira Nery, Salvato Teles de Menezes, Sérgio G. Sousa, Sérgio Rodrigues, Sofia Soromenho, Teolinda Gersão, Teresa Toldy e Tiago Rodrigues

PAGINAÇÃO: Patrícia Pereira e Raquel Leal

SECRETARIA: Teresa Rodrigues

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Gesco

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS COMERCIAIS: Rua da Fonte da Caspolima – Quinta da Fonte, Edifício Fernão de Magalhães, 8 2770-190 Paço de Arcos – Tel.: 218 705 000 Fax: 218 705 001 email: jl@jornaldeletras.pt.

Delegação Norte: CEP – Escritórios, Rua Santos Pousada 441- sala 206/208, 4000-486 Porto – Telefone: 220 990 052

MARKETING: Marta Silva Carvalho (diretora) - mscarvalho@trustinnews.pt e Marta Pessanha (Gestora de Marca) - mpessanha@trustinnews.pt

PUBLICIDADE: Vânia Delgado (Diretora Comercial) vdelgado@trustinnews.pt; Maria João Costa (Diretora Coordenadora de Publicidade) mjcosta@trustinnews.pt; Mariana Jesus (Gestora de Marca) mjesus@trustinnews.pt; Mónica Ferreira (Gestora de Marcas) mferreira@trustinnews.pt; Rita Roseiro (Gestora marca) - rroseiro@trustinnews.pt; Elisabete Anacleto (Assistente Comercial) eanacleto@visao.pt; Florbela Figueiras (Assistente Comercial) ffigueiras@visao.pt; DELEGAÇÃO PORTO: Margarida Vasconcelos (Gestora marca) mvvasconcelos@trustinnews.pt;

BRANDED CONTENT: Rita Ibérico Nogueira (Directora) rnogueira@trustinnews.pt

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO: João Mendes (Diretor)

Telf Lisboa – 21 870 5000

Telf. Porto – 22 099 0052

PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO: Vasco Fernandez (Diretor); Pedro Guilhermino (Coordenador de Produção); Nuno Carvalho, Nuno Gonçalves e Paulo Duarte (Produtores); Isabel Anton (Coordenadora de Circulação)

ASSINATURAS: Helena Matoso (Coordenadora de Assinaturas)

SERVIÇO DE APOIO AO ASSINANTE: Tel.: 21 870 50 50 (Dias úteis das 9h às 19h); apoiocliente@trustinnews.pt

IMPRESSÃO: Lisgráfica – Estrada de São Marcos Nº 27 – S. Marcos – 2735-521 Cacém. Distribuição: VASP MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal. Venda Seca, 2739-511 Agualva-Cacém Tel.: 214 337 000. Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt – Tel.: 808 206 545, Fax: 808 206 133

TIRAGEM MÉDIA: 7 100 exemplares

Registo na ERC com o nº 107 766

Depósito Legal nº 127961/98 – ISSN nº 0872-3540

Estatuto editorial disponível em [www.visao.sapo.pt/informacao permanente](http://www.visao.sapo.pt/informacao permanente)

A Trust in News não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedade dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade, são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias. Interditada a reprodução, mesmo parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob qualquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais.